

**Promoção da empatia para redução de comportamentos agressivos: análise do grupo focal****Promotion of empathy to reduce aggressive behaviors: focus group analysis**

DOI:10.34117/bjdv6n7-326

Recebimento dos originais: 10/06/2020

Aceitação para publicação: 14/07/2020

**Marília Pereira Dutra**

Mestra em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Endereço: Rua Antônio Miguel Duarte, 50, apartamento 204D, Bancários, João Pessoa – PB, Brasil.

E-mail: mdutracg@gmail.com

**Lilian Kelly de Sousa Galvão**

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Endereço: Rua Iolanda Eloy de Medeiros, 101, apartamento 2402B, Água Fria, João Pessoa – PB, Brasil.

E-mail: liliangalvao@yahoo.com.br

**Cleonice Pereira dos Santos Camino**

Doutora em Psicologia pela Université Catholique de Louvain

Instituição: Universidade Federal da Paraíba

Endereço: Rua do Sol, 171, apartamento 908B, Miramar, João Pessoa – PB, Brasil.

E-mail: cleocamino@yahoo.com.br

**RESUMO**

Este trabalho objetiva avaliar a eficácia do desenvolvimento empático para reduzir comportamentos agressivos na infância. Para tanto, realizou-se uma pesquisa-intervenção com o uso de uma técnica racional-afetiva. Participaram da pesquisa 15 alunos/as, com idades de 9 a 12 anos ( $M=9,9$ ;  $DP=0,83$ ), do sexo masculino e do feminino, do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da Paraíba. No presente estudo, será apresentado os resultados da Análise de Conteúdo dos dados referentes às falas das crianças, produzidas em um grupo focal e registradas em um diário de campo. Esses dados foram organizados em cinco categorias: “Avaliação positiva do programa”, “Aprendizados sobre os diferentes tipos de comportamentos agressivos”, “Percepção de mudanças de sentimentos e comportamentos”, “Ganhos acadêmicos em relação às disciplinas curriculares” e “Percepção de mudanças de comportamento na turma”. De um modo geral, esses resultados demonstram que a promoção da empatia além de favorecer a redução de comportamentos agressivos na infância, pode contribuir com o bem-estar pessoal e social e facilitar a aquisição de habilidades acadêmicas e de habilidades sociais, como o altruísmo. Espera-se que esse estudo possa auxiliar outros profissionais da área na execução de projetos voltados para a fomentação de uma cultura de paz.

**Palavras-chave:** Comportamentos agressivos, Empatia, Infância.

**ABSTRACT**

This work aims to evaluate the effectiveness of empathic development to reduce aggressive behaviors in childhood. To this end, an intervention research was carried out using a rational-affective technique. Fifteen students, aged 9 to 12 years ( $M = 9.9$ ;  $SD = 0.83$ ), male and female, from the 4th year of elementary school in a public school in Paraíba participated in the research. In the present study, the results of the Content Analysis of the data referring to the children's statements, produced in a focus group and recorded in a field diary, will be presented. These data were organized into five categories: "Positive evaluation of the program", "Learning about the different types of aggressive behaviors", "Perception of changes in feelings and behaviors", "Academic gains in relation to curricular subjects" and "Perception of changes behavior in the class". In general, these results demonstrate that the promotion of empathy, in addition to favoring the reduction of aggressive behaviors in childhood, can contribute to personal and social well-being and facilitate the acquisition of academic and social skills, such as altruism. It is hoped that this study can assist other professionals in the area in carrying out projects aimed at fostering a culture of peace.

**Keywords:** Aggressive behaviors, Empathy, Childhood.

**1 INTRODUÇÃO**

O comportamento agressivo é definido por Landim e Borsa (2017) como comportamentos intencionais que visam promover danos ao outro. No contexto educacional, este é um tema que tem assumido lugar de destaque nos debates sobre educação, sendo recorrente na mídia e nas conversações cotidianas da população (CRUZ; MACIEL, 2018). Em 13 de março de 2019, na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano – São Paulo, dois jovens ex-alunos da escola mataram oito pessoas e feriram onze em um ataque suicida (VARGAS, 2019), caso que se assemelha com o massacre do Realengo – Rio de Janeiro, onde um jovem de 24 anos invadiu a Escola Municipal Tasso da Silva e matou 11 crianças (BRASIL, 2019). Ambos os casos foram relacionados às práticas decorrentes do bullying sofrido pelos agressores quando eram estudantes.

Ainda esse ano, no Paraná, um professor foi esfaqueado por um aluno durante a aula de língua portuguesa (JUSTI; TAVARES, 2019). Esse caso ilustra bem porque o Brasil foi classificado como o líder no *ranking* de país mais violento contra professores, de acordo com uma pesquisa realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), com mais de 100 mil professores e diretores dos ensinos fundamental e médio sobre violência em sala de aula (FERREIRA, 2016). Nesse estudo, 12,5% dos professores disseram ser vítimas de agressões verbais e intimidações de alunos pelo menos uma vez por semana. Outra pesquisa realizada no contexto brasileiro com alunos, professores e diretores, utilizando como instrumento um questionário, revelou que metade dos diretores afirmou que os alunos agredem funcionários da escola, e que entre os estudantes a violência era bastante frequente (BERMÚDEZ, 2019).

Observa-se que, além de oferecer prejuízos para o desenvolvimento, o índice elevado de comportamentos agressivos em crianças resulta em dificuldades para elas nos relacionamentos interpessoais, como rejeição por pares, e dificuldades acadêmicas, como repetência e evasão escolar, assim como maiores probabilidades de comportamentos delinquentes, sintomas de depressão, ansiedade, autoestima e motivação baixas, solidão e impulsividade (BARBORA et al., 2011; GOMES et al., 2012).

Embora seja notória a importância de buscar formas de reduzir os danos, principalmente durante o desenvolvimento inicial das crianças (BUSHMAN; HUESMANN, 2010), uma revisão na literatura nacional e internacional, realizada por Landim e Borsa (2017), sobre intervenções para a redução de comportamentos agressivos infantis, evidenciou que poucos são os estudos com foco exclusivo na redução e prevenção de comportamentos agressivos; e os que existem possuem falta de evidências de efetividade, baixo rigor metodológico nas avaliações e instrumentos pouco precisos, o que dificulta a generalização dos dados.

Diante dessas considerações, julga-se relevante, não apenas procurar diferentes formas de reduzir a agressividade nas escolas, como também procurar as técnicas que melhor verifiquem a eficácia da intervenção. Este trabalho propõem-se a avaliar a eficácia da técnica do grupo focal para avaliação de uma intervenção que utilizou como estratégia para a redução da agressividade, o desenvolvimento da empatia. Essa estratégia, segundo Garaigordobil e Galdeano (2006) e Moreno e Fernández (2011), funciona como um fator protetor da violência.

Neste estudo, a empatia é definida, conforme Hoffman (2003), como uma resposta afetiva mais apropriada à situação do outro, do que a sua própria situação e é considerada como uma habilidade social que engloba três aspectos fundamentais em sua definição, o cognitivo, o afetivo e o comportamental e, nesse trabalho essas três dimensões foram trabalhadas.

## **2 METODOLOGIA**

Após a intervenção que aconteceu em 12 encontros desenvolvidos com base na técnica “racional-afetiva” (mescla o uso de exercícios imaginativos no psicodrama, com o uso de rodas de conversa) (GALVÃO, 2010), adotando-se como temas para a dramatização e discussão: raiva, hostilidade, agressão verbal, agressão física, bullying, agressão intrafamiliar, agressão contra a mulher, agressão racial, agressão a idosos, agressão ao meio ambiente e agressão intergrupar, foi realizado o grupo focal.

Participaram do grupo focal 15 alunos/as (os mesmos que participaram da intervenção), sendo 9 meninos e 6 meninas, com idades de 9 a 12 anos ( $M=9,9$ ;  $DP=0,83$ ), do sexo masculino e

do feminino, cursando o 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Campina Grande - PB.

O grupo focal é definido por Morgan (1997) como uma técnica de pesquisa qualitativa, derivada de entrevistas grupais, que coletam informações por meio das interações grupais. Na análise de Trad (2009), a utilização dos grupos focais, de forma isolada ou combinada com outras técnicas de coleta de dados primários, tem se revelado especialmente útil na pesquisa avaliativa. Além disso, por ser realizado em contexto coletivo, pode promover maior problematização do tema e trazer a tona conteúdos que poderiam ficar omissos, caso fosse uma entrevista individual (CRUZ; MACIEL, 2018).

A técnica do grupo focal foi aplicada em sala de aula, uma semana após o término da intervenção. As cadeiras foram dispostas em círculo, e as entrevistas grupais foram mediadas por uma coordenadora e duas auxiliares, com durabilidade de cerca de 60 minutos.

Para analisar os dados qualitativos, provenientes dos registros feitos no diário de campo durante a execução do grupo focal, foi realizada a Análise de Conteúdo Semântico de Bardin (1979). Esta análise foi realizada por 4 juízes, que, com a concordância de no mínimo 3 deles (75%), excluíram ou mantiveram as categorias mencionadas nos resultados.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE: 91791518.6.0000.5182), e seguiu todos os procedimentos contidos na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016).

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir da análise de conteúdo, as falas provenientes do grupo focal foram organizadas em 5 categorias, a saber: “Avaliação positiva do programa”, “Aprendizados sobre os diferentes tipos de comportamentos agressivos”, “Percepção de mudanças de sentimentos e comportamentos”, “Ganhos acadêmicos em relação as disciplinas curriculares” e “Percepção de mudanças de comportamento na turma”.

A primeira categoria, intitulada “Avaliação positiva do programa”, reflete a valorização que os participantes fizeram das atividades realizadas, dos recursos utilizados, do método empregado, assim como dos efeitos das intervenções em suas vidas. Resultados semelhantes foram encontrados por Dutra et al. (2017), onde as autores ressaltam a boa aceitação, por parte das crianças, do uso do psicodrama associado a rodas de conversa, bem como do programa interventivo utilizado. Exemplos dessa categoria:

“Foi bom demais.” (K., sexo masculino, 11 anos);  
 “Bom, porque a gente aprendeu muita coisa, né?”. (Y., sexo masculino, 9 anos);  
 “Eu achei legal.” (E.M., sexo feminino, 10 anos);  
 “Foi bom para aprender a não fazer bullying e outras coisas.” (T., sexo feminino, 9 anos);  
 “Foi bom, fez a gente ser uma pessoa melhor.” (E., sexo masculino, 10 anos).

A segunda categoria, denominada “Aprendizados sobre os diferentes tipos de comportamentos agressivos”, ilustra a aquisição dos conteúdos abordados nas sessões de intervenção. Os resultados dessa categoria revelam que as intervenções, apesar de terem como foco principal a promoção da empatia, conseguiram favorecer a aquisição de conhecimentos sobre os diferentes tipos de comportamentos agressivos e de suas consequências. Nesse tocante, Pavarino, Del Prette e Del Prette (2005b) sugerem que os programas com demandas informais para o exercício empático e de comportamentos pró-sociais promovem a assimilação de valores de não violência. Exemplos:

“Aprendi sobre o bullying, o que não fazer.” (K., sexo masculino, 11 anos); “A gente aprendeu a não judiar, o racismo, não bater na mulher, aprendi a não maltratar o idoso, bullying.” (L., sexo masculino, 10 anos);  
 “Agressão contra os idosos: não pode bater nos idosos, agressão a natureza: não deve e não pode maltratar a natureza, agressão contra a mulher: não bater na mulher, agressão contra o grupo: respeitar o outro grupo, não maltratar a família, agressão contra...”. (J.A., sexo masculino, 9 anos);  
 “Eu aprendi várias coisas, tipo: não fazer agressão com os idosos” (E.V., sexo feminino, 10 anos);  
 “Aprendi muita coisa, como o porquê não agredir o outro.” (H., sexo masculino, 9 anos);  
 “Foi mais um aprendizado para as nossas vidas. Quer que eu diga desde o começo? Raiva, hostilidade, agressão verbal, física... E os outros foram ajudando: “bullying, agressão contra a mulher”, E. continua: “agressão intrafamiliar, idosos, racismo, agressão contra grupo, e no último dia foi empatia” (E., sexo masculino, 10 anos).

A terceira categoria, nomeada “Percepção de mudanças de sentimentos e comportamentos”, mostra a forma como as crianças percebem as mudanças nos seus sentimentos e em seus comportamentos, desde mudanças intraindividuais até interpessoais. A partir da análise das falas pertencentes a esta categoria, percebe-se, como afirma Pavarino, Del Prette e Del Prette (2005a), que o programa de intervenção empática é capaz de promover condições de saúde e qualidade de vida em diferentes contextos. Exemplos:

“Eu mudei, estou menos agressiva, em casa também”. (T., sexo feminino, 9 anos);  
 “Eu mudei em relação aos palavrões, dizia muito antes, agora não”. (K., sexo masculino, 11 anos);  
 “Eu comecei a mudar, eu apanhava muito, depois que começou o projeto eu terminei de apanhar, porque eu tô obedecendo a minha mãe, antes eu não obedecia, agora eu tô obedecendo, e eu melhorei mais. Estou me sentindo melhor.” (A., sexo masculino, 9 anos);  
 “É, a raiva parou mais um pouco, aí a honestidade aumentou mais”. (E., sexo masculino, 10 anos);  
 “Eu tô mais calmo”. (L., sexo masculino, 10 anos);  
 “Eu mudei em relação às brigas.” (Y., sexo masculino, 9 anos).

A quarta categoria, intitulada “Ganhos acadêmicos em relação às disciplinas curriculares”, mostra que o programa de intervenção para a redução da agressividade resultou em melhorias na aprendizagem dos conteúdos curriculares das crianças participantes. Conforme aborda Souza (2007), a capacidade cognitiva é apenas uma parte do processo subjacente ao bom desempenho escolar, para, além disso, há uma relação significativa entre competência social e acadêmica, pois, quando se busca formas de desenvolver as habilidades sociais, o resultado é a melhora na aprendizagem e no desempenho escolar. Exemplos:

“Eu estou aprendendo mais, que antes não sabia de nada de matemática, aí agora presto mais atenção.” (E.V., sexo feminino, 10 anos);  
 “Eu ficava conversando, aí eu não sabia de nada de matemática, aí agora que eu não tô conversando tanto, eu tô sabendo mais.” (E.V., sexo feminino, 10 anos);  
 “Eu não tinha atenção, agora eu tenho mais, a aprendizagem está mais boa”. (J.A., sexo masculino, 9 anos).

A quinta categoria, denominada “Percepção de mudanças de comportamento na turma”, reflete o reconhecimento das crianças das mudanças significativas que ocorreram no comportamento dos membros do grupo, como a melhora na relação entre pares, no convívio intergrupar e na relação professor-aluno. A esse respeito, Nitkowski et al. (2009) afirmam que as intervenções, ao invés de apenas ensinar a criança a desaprender comportamentos agressivos, possibilitam a aprendizagem de novos comportamentos. Exemplos:

“Eu avalio a gente nota 10.” (E.V., sexo feminino, 10 anos);  
 “A sala mudou muito, Y. mudou, V., S., L., todo mundo mudou, até H. que não fazia tarefa mudou.” (J.A., sexo masculino, 9 anos);  
 “Eu acho que a gente mudou muito. A turma ficou mais comportada, que antes era bagunceira, a professora percebeu mudança em alguns, as aulas têm sido boas. A. mudou no comportamento”. (E., sexo masculino, 10 anos); “Antes quando tia chegava aqui e dizia sente, a gente nem sabia sentar direito”. (E.V., sexo feminino, 10 anos);  
 “Antes quando A. era impulsivo e antes de vocês virem, ele levava pau dos meninos lá de trás”. (E., sexo masculino, 10 anos).

Em síntese, diante dos resultados encontrados, espera-se, parafraseando Elias et al. (2012), que as habilidades sociais desenvolvidas, uma vez postas em ação nas relações entre as crianças, continuem a se desenvolver em processos de retroalimentação.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De um modo geral, a partir do conjunto de dados encontrados, pode-se dizer que a avaliação positiva dos participantes sobre o programa de intervenção, à percepção de mudanças intrapessoais, interpessoais e intergrupais, a aprendizagem das diferentes formas de agressão, assim como a

melhora na aquisição dos conteúdos curriculares, demonstram a eficácia da técnica do grupo focal para avaliar a intervenção e mostram a efetividade do programa de desenvolvimento empático realizado para a redução de comportamentos agressivos na infância. Além disso, os resultados apresentados fortalecem a ideia de que a diminuição de comportamentos agressivos no âmbito educacional melhora o processo de ensino e aprendizagem, favorece os relacionamentos na comunidade escolar e sociofamiliar, intensifica o quadro de saúde mental e física e colabora com a fomentação de uma cultura de paz.

Entretanto, é preciso salientar que existem limitações nesse estudo. Nesse sentido, sugere-se que, em pesquisas futuras, os achados aqui encontrados sejam aprofundados com outras análises, se expandam para outros grupos, outras faixas etárias, e que passe a incluir família, professores e comunidade.

Por fim, deseja-se que essa pesquisa possa inspirar profissionais da educação e de outros cenários, contribuindo para a redução da agressão nesses âmbitos, para que se construa, desde a infância, uma cultura de paz, embasada no desenvolvimento da habilidade empática.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, G. A. J.; SANTOS, A. A. A.; RODRIGUES, M. C., FURTADO, A. V.; BRITO, N. M. Agressividade na infância e contextos de desenvolvimento: família e escola. **Psico**, 42 (2), 228-235, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 1977.

BERMÚDEZ, A. C. Metade dos diretores do país diz que alunos agredem funcionários na escola. **UOL**, São Paulo, 25 de abril de 2019. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/04/25/50-dos-diretores-fala-em-agressao-de-alunos-a-funcionarios-da-escola.htm>>. Acesso em: 27 de jun. de 2019.

BRASIL, Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **RESOLUÇÃO Nº 510**, de 07 de abril de 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 17 - jan. 2019.

BRYANT, B. K. An index of empathy for children and adolescents. **Child Development**, 53, 413-425. 1982.

BUSHMAN, B.J.; HUESMANN, L.R. Agression. In: S.T. FISKE (eds.), **Handbook of social psychology**. 5ª ed., New York, John Wiley & Sons, p. 833-863, 2010.

BUSS, A. H.; PERRY, M. The aggression questionnaire. **Journal of Personality and Social Psychology**, 63, 452-459, 1992.

CRUZ, F. M. L.; MACIEL, M. A. „Excluir“, „xingar“, „bater“: sentidos de violência na escola segundo estudantes da Paraíba. **Psicologia Escolar e Educacional**. 22(2). 291-300, 2018.



DUTRA, M. P. et al. Empatia e comportamento pró-social: intervenção educacional na infância. IV Congresso Nacional de Educação. João Pessoa- PB. **Anais IV CONEDU**. v.1. 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/anais.php>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ELIAS, L.C.S.; MARTURANO, E.M.; MOTTA-OLIVEIRA, A.M.A. Eu posso resolver

problemas: um programa para o desenvolvimento de habilidades de solução de problemas interpessoais. **Temas em psicologia**, 20(2):521-536, 2012.

FERREIRA, R. A. Brasil lidera ranking de violência contra professores. **Jornal da USP**, 06 de dez. de 2016. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-lidera-ranking-de-violencia-contra-professores/>>. Acesso em: 27 de jun. de 2019.

GARAIGORDOBIL, M.; GALDEANO, P. G. Empatía em niños de 10 a 12 años. **Psicothema**, 18; (2): 180-186p., 2006.

GOMES, L. B.; CREPALD, M. A. VIEIRA, M. L.; BIGRAS, M. A percepção de professores acerca da agressividade em pré-escolares. **Barbarói (Unisc Impresso)**, v.37, p. 88-104, 2012. HOFFMAN, M. L. **Empathy and moral development: implications for caring and justice**. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2003.

JUSTI, A.; TAVARES, I. Professor é esfaqueado por aluno dentro de sala de aula no Paraná, diz polícia. **G1 PR**. RPC Cascavel, 23 de abril de 2019. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2019/04/23/professor-e-esfaqueado-por-aluno-dentro-de-sala-de-aula-no-parana-diz-policia.ghtml>>. Acesso em: 27 de jun. de 2019.

LANDIM, I.; BORSA, J. C. Revisão sistemática sobre programas de intervenção para redução de comportamentos agressivos infantis. **Contextos clínicos**. v. 10, p. 110-129, 2017.

MORENO, J.E.; FERNANDES, C. Empatía y flexibilidad yoica, su relación com la agresividade y la prosocialidad. **Limite: Revista de Filosofia y Psicologia**, 6(23), 41-55, 2011.

MORGAN, D. L. **Focus group as qualitative research**. London: Sage, 1997.

NITKOWSKI, D.; PETERMANN, F.; BÜTTNER, P.; KRAUSE-LEIPOLDT, C.;

PETERMANN, U. Behavior modification of aggressive children in child welfare: Evaluation of a combined intervention program. **Behavior Modification**, 33(4):474-492, 2009.

PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Agressividade e empatia na infância: Um estudo correlacional com pré-escolares. **Interação em Psicologia**. v. 9, n. 2, p.215-225, 2005a.

PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. **Psico**, 36, 127-134, 2005b.

SOUZA, R.M. Competência social em crianças em idade escolar: um processo de diagnóstico-interventivo. **Psicologia em Revista**, 16(1-2):165-177, 2007.

TRAD, L. A. B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009.



VARGAS, A. Dois jovens matam oito pessoas e ferem onze em um ataque suicida contra uma escola pública e uma locadora. **Revista Istoé**. São Paulo, 15 de mar. de 2019. Disponível em:

<<https://istoe.com.br/o-massacre-de-suzano/>>. Acesso em: 27 de jun. de 2019.